

PER AMICA SILENTIA...

*Chantez, chantez, jeune inspirée.*¹
Victor Hugo

Hei-de dizer-te um dia, minha pálida,
como é suave e belo ouvir-te o canto,
místico som de harpa dolorida,
harmonia sem fim de um coro santo!

E em que rosados sonhos tenho a alma,
que se alenta em teu cântico divino,
como a flor entreabrindo as brandas pétalas,
quando a aurora em seu carro adamantino

nas sombras do ocidente a luz derrama,
cambiante véu de um quadro que flutua,
aonde pouco a pouco se confunde
a transparência alvíssima da lua! —

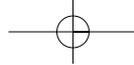
Mas não sabes as horas de delírio
em que somente vivo de te ver;
e como choro e sofro noite e dia,
quando sozinho penso em ti, mulher! —

Que importa? hei-de seguir-te, branca aurora,
n'este mundo de dores em que existo,
preso da imensidade de teus olhos,
como as turbas da meiga voz do Cristo! —

.....
.....

Mas quando te apertei a mão nervosa,
e teu rosto senti junto do meu,
não sei o que a luz tinha em si de estranha,
quando do teu olhar a mim desceu! —





Era um véu de tristeza encantadora,
névoa de noite de luar de agosto,
sombra misteriosa emoldurando
a curva graciosa de teu rosto! —

E desde então, ó minha doce pomba,
que as venturas do céu me vens contar,
eu vi que se tornaram tristes, lânguidos,
os cílios que assombream teu olhar! —

E quando em longas noites de vigília,
a sós com tua sombra eu endoideço,
ou quando, ideal sagrado de meus sonhos,
que desças para mim eu tanto peço! —

Bem sinto que acolheste alguma lágrima
de tantas que chorei em vão por ti,
e a misturaste às ondas de teu seio...
livro aberto de amor que eu nunca li!...

Astro de branca luz, mística flor,
será isto que eu sinto um sonho apenas?
ou tu, que és casta e pura, a algum martírio
mais doloroso ainda me condenas?

Que importa? hei-de seguir-te, branca aurora,
n'este mundo de dores em que existo,
preso da imensidade de teus olhos,
como as turbas da meiga voz do Cristo!



A FORÇA

Já que adorar-me dizes que não podes,
Imperatriz serena, alva e discreta,
Ai, como no teu colo há muita seta
E o teu peito é peito dum Herodes,

Eu antes que encaneçam meus bigodes
Ao meu mister de amar-te hei-de pôr meta,
O coração m'ô diz — feroz profeta,
Que anões faz dos colossos lá de Rodes.

E a vida depurada no cadinho
Das eróticas dores do alvoroço,
Acabará na forca, num azinho,

Mas o que há-de apertar o meu pescoço
Em lugar de ser corda de bom linho
Será do teu cabelo um menos grosso.

2 Abril 1873

Num tripúdio de corte rigoroso,
Eu sei quem descobriu Vénus linfática,
— Beleza escultural, grega, simpática,
Um tipo peregrino e luminoso. —

Foi lâmpada no mundo cavernoso,
Inspiradora foi de carta enfática,
Onde a alma candente mas sem tática
Se espriava num canto lacrimoso.

Mas ela em papel fino e perfumado,
Respondeu certas coisas deslumbrantes,
Que o puseram, ó céus, desapontado!

Eram falsas as frases palpitantes
Pois que tudo, ó meu Deus, fora roubado
Ao bom do *Secretário dos Amantes*!¹

16 Abril 1873

.....
Ó áridas Messalinas¹
Não entreis no santuário,
Transformareis em ruínas
O meu imenso sacrário!

Oh! a deusa das doçuras,
A mulher! eu a contemplo!
Vós tendes almas impuras,
Não me profaneis o templo!

A mulher é ser sublime,
É conjunto de carinhos,
Ela não propaga o crime,
Em sentimentos mesquinhos.

Vós sois umas vis afrontas,
Que nos dão falsos prazeres,
Não sei se sois más se tontas,
Mas sei que não sois mulheres!